

Dominação e exclusão: Representações sociais sobre minorias *raciais* e *étnicas*¹

Rosa Cabecinhas² e Lígia Amâncio³

Resumo

Neste estudo analisámos as noções de *raça* e de *grupo étnico* dos jovens portugueses e averiguámos quais os grupos raciais e étnicos mais significativos na sociedade portuguesa. Os resultados demonstram que a maior parte dos jovens não problematiza as noções de *raça* e de *grupo étnico*, considerando-as como conceitos objectivos explicativos das assimetrias sociais. Os *grupos étnicos* são vistos como possuindo características intrínsecas, imutáveis e muito marcadas, que os distinguem da maioria ou da cultura dominante. As características culturais são consideradas como inseparáveis das características físicas ligadas à hereditariedade. Da análise das respostas ressalta ainda a centralidade da cor da pele na categorização dos grupos sociais. Globalmente, verifica-se claramente para uma ‘naturalização’ das categorias *raciais* e *étnicas*.

Abstract

On this study we analyzed the notions about race and about ethnic group among young Portuguese and we examined which are the most significant racial and ethnic groups in Portuguese society. Results showed that the majority of the students had never put in question the notions of race and of ethnic group, considering them as objective concepts that explain social asymmetries. Ethnic groups are seen as having inherent characteristics, immutable and very marked, that distinguish ethnic groups members from the members of dominant culture or majority group. The cultural characteristics are considered to be inseparable of the physic characteristics linked with hereditary. Participant answers show the centrality of the skin colour on the categorization of social groups. Globally, results show clearly the ‘naturalization’ of the racial and ethnic categories.

Introdução

O racismo pode ser analisado no âmbito do processo mais geral de construção da identidade social, que se define a partir da clivagem entre as representações do grupo de pertença e as representações de outro(s) grupo(s) considerado(s) relevante(s). Sobretudo a partir da Segunda Guerra Mundial o conceito de *raça*, baseado em diferenças genótípicas, foi progressivamente sendo substituído pelo conceito de *grupo étnico*, assente em diferenças culturais e comportamentais.

Considerando as doutrinas racistas totalmente destituídas de base científica, a UNESCO (1960/1973: 379) recomendou o abandono da palavra *raça* no meio científico e o uso de designações menos discriminatórias. Desde então, o termo *grupo étnico* tem sido empregue para referir situações de grupos sociais minoritários, que são percebidos e classificados em função da sua diferenciação cultural face aos padrões estabelecidos pela cultura dominante.

As mais recentes investigações ligadas à descodificação e à sequenciação do Genoma Humano vieram dar razão aos vários relatórios elaborados no âmbito da UNESCO, pois não foi possível identificar nenhum gene ou conjunto de genes ligados às supostas raças humanas, pelo que a *raça* enquanto conceito aplicado para classificar os seres humanos está desacreditado, à luz do conhecimento científico actual.

¹ Esta investigação foi facilitada pela atribuição de uma bolsa pela Fundação Calouste Gulbenkian.

² Universidade do Minho

³ ISCTE

Na opinião de diversos autores, o pensamento do senso comum terá acompanhado a deslocação das *raças* para os *grupos étnicos*, sendo as ‘práticas culturais’ destes grupos percebidas como rígidas e imutáveis, e até mesmo geneticamente herdadas (Tonkin, McDonald e Chapman, 1989).

Como salienta Guillaumin (1992), apenas os ‘grupos minoritários’, isto é, destituídos de poder ou estatuto, são objecto deste processo de naturalização. Assim, o deslocamento da percepção das diferenças entre os grupos humanos do pólo das características físicas ou raciais para o pólo das características comportamentais e culturais permanece um processo de naturalização da diferença. Este compreende um processo de racialização seguido de um processo de etnicização (Vala, Lopes, Brito, 1999), que se verifica em relação aos grupos minoritários mas não em relação aos dominantes.

O facto da hierarquização racial ter sido banida do discurso público não exclui comportamentos e percepções racistas. Atentas às novas normas sociais, as pessoas têm o cuidado de velar os seus discursos discriminatórios. Como o argumento da desigualdade e da hierarquização racial é actualmente contra-normativo, enfatizam-se as diferenças culturais.

Se hoje em dia poucos ousam defender abertamente uma hierarquia racial, em contrapartida a ideia de *raça*, no sentido de uma população natural definida por caracteres hereditários comuns, persiste e continua a servir de suporte a ideologias racistas. Assim, por um lado, invoca-se a defesa da especificidade cultural dos grupos racializados e, por outro lado, clama-se o direito à identidade própria, que essas culturas ‘outras’ são supostas ameaçar. Desta forma, o elogio “da diferença pode caucionar e camuflar uma vontade de exclusão” (Cunha, 2000: 196).

A ideia de *raça* continua a estruturar a percepção que se tem dos outros e a operar o discurso de exclusão, ainda que mais ou menos camuflada pela referência à identidade cultural, remetendo-a constantemente para o terreno da natureza. Deste modo, apesar da palavra *raça* ter sido banida do discurso científico e político é legítimo continuar a falar de ‘racismo’ (Cunha, 2000; Taguieff, 1997).

A difusão de conhecimentos científicos e o apoio institucional à não racialização dos grupos humanos tem vindo a traduzir-se na construção de novas representações sociais (Moscovici, 1984) sobre as diferenças entre povos, caracterizadas por uma maior rejeição do discurso racista tradicional, que estabelece a diferenciação a partir de características ‘naturais’, e pela adopção de um discurso que opera novas diferenciações a partir dos conceitos de cultura e etnia (Vala *et al.*, 1999).

Nesta comunicação apresentamos um estudo em que investigámos as representações sociais acerca de minorias *raciais* e *étnicas*. Mais precisamente, este estudo teve os seguintes objectivos: investigar as noções de *raça* e de *grupo étnico* dos jovens portugueses; averiguar quais são os grupos *raciais* e *étnicos* mais significativos para estes jovens; e analisar as suas auto-categorizações *raciais* e *étnicas*.

Participaram neste estudo 56 estudantes (31 raparigas e 25 rapazes), com idades compreendidas entre os 18 e os 23 anos (idade média = 19 anos), todos de nacionalidade e naturalidade portuguesa.

Este estudo foi realizado em duas turmas do primeiro ano do ensino superior, cada uma delas correspondendo a uma condição de recolha de dados: na condição 1 todas as questões eram relativas a *grupos étnicos* enquanto que na condição 2 as mesmas questões eram referentes a *raças*. Foi distribuída uma folha em branco aos participantes e apresentadas oralmente três questões, uma a uma, na seguinte ordem: 1) “O que é um *grupo étnico/raça*?”; 2) “Quais os *grupos étnicos/raças* existentes em Portugal?”; 3) “Pertence a algum dos *grupos étnicos/raças* por si referidos na questão anterior?”. No final, eram solicitados os elementos de caracterização (sexo, idade, nacionalidade e naturalidade).

O procedimento de análise de dados foi o seguinte: 1) foi efectuada uma contabilização dos conteúdos fornecidos pelos participantes em função da condição de resposta. As respostas dos participantes à primeira questão foram analisadas a partir dos grandes eixos organizadores da ideia de *raça*; 2) procedeu-se à contabilização dos grupos mencionados pelos participantes em cada uma das condições de resposta e efectuou-se posteriormente um agrupamento dos

grupos em função dos critérios subjacentes às designações fornecidas (cor da pele, nacionalidade, religião, etc.); 3) Foram contabilizadas as auto-categorizações dos participantes e efectuado um teste de Qui-quadrado para averiguar se estas variavam significativamente em função da condição de resposta.

Este estudo foi realizado junto de estudantes portugueses no *Ano Europeu Contra o Racismo* - ano em que o apoio político-institucional à não racialização dos grupos humanos foi particularmente divulgado nos meios de comunicação social. Assim, por um lado, esperávamos encontrar reacções de surpresa ou mesmo de contestação da parte dos estudantes face às nossas questões sobre as *raças* em Portugal. Por outro, esperávamos que as características atribuídas às *raças* e aos *grupos étnicos* apontassem para uma *essencialização* das minorias, isto é, para uma conceptualização destas categorias como distintas, inalteráveis e com grande potencial indutivo (Allport, 1954/1979; Rothbart e Taylor, 1982).

Crenças sobre *raça* e *grupo étnico*

A Tabela 1 apresenta os itens mais referidos pelos participantes nas suas definições de *grupo étnico* e de *raça*, utilizando as suas próprias palavras. Para cada condição de resposta são apresentadas as designações referidas pelos participantes por ordem decrescente de frequência. Foram retidas as designações com frequência igual ou superior a dois.

Relativamente ao *grupo étnico* os três conteúdos mais frequentes dizem respeito à ‘cultura’ (46.4%), aos ‘costumes’ (25.0%) e à ‘religião’ (21.4%). Outras características ligadas à socialização e à cultura são mencionadas frequentemente: os ‘valores’ (17.9%), as ‘crenças’ (10.7%), os ‘hábitos’ (10.7%), as ‘características sociais’ (7.1%), a ‘identidade’ (7.1%) e os ‘rituais’ (7.1%). As ‘características físicas’ aparecem em quarto lugar (17.9%) e a ‘cor da pele’ em décimo primeiro (7.1%).

Ainda em lugar de destaque aparecem conteúdos ligados às relações de conflito ou submissão face à cultura dominante: ‘diferentes da maioria’ (17.9%) e ‘diferentes dos outros grupos’ (7.1%). Também expressivo é o facto de o *grupo étnico* ser visto como migrante, isto é, deslocado do seu local, região, ou país de origem: ‘vivem num país que não é seu’ (17.9%), ‘oriundos dum local ou região diferente’ (7.1%), ‘oriundos dum meio diferente’ (7.1%).

Quanto à *raça*, o conteúdo mais frequentemente referido foi a ‘cor da pele’ (42.9%), seguido da ‘cultura’ (25.0%) e das ‘características físicas’ (21.4%). As ‘características genéticas’ e a ‘constituição física’ surgem em décimo lugar (7.1%), sendo apresentadas exclusivamente para definir a *raça*.

De salientar que diversos aspectos ligados à socialização e à cultura são mencionados frequentemente para caracterizar *raça*: os ‘hábitos’ (17.9%), os ‘costumes’ (14.3%), as ‘crenças’ (10.7%), as ‘tradições’ (10.7%), a ‘história’ (10.7%), as ‘ideologias’ (7.1%), a ‘maneira de agir’ (7.1%), e a ‘maneira de pensar’ (7.1%) e as ‘vivências’ (7.1%).

A comparação das frequências relativas dos itens mais associados ao *grupo étnico* e à *raça* torna clara a equivalência destas noções para os participantes⁴. Constata-se uma forte associação entre as características *biológicas* e as características *culturais*, sendo que a preponderância relativa destas características varia em função da condição.

De modo a facilitar a comparação dos conteúdos associados ao *grupo étnico* e à *raça*, efectuámos um agrupamento das respostas em quatro categorias básicas: características *biológicas*, nas quais incluímos as características fenotípicas (cor da pele, tipo de cabelo, forma do nariz, etc.) e as características genotípicas (ligadas à hereditariedade); características *culturais* (valores, religião, hábitos, etc.); características *geográficas* (referências ao deslocamento de local, região, país, etc.); e

⁴ A equivalência entre *grupo étnico* e *raça* é demonstrada em numerosas respostas dos participantes, das quais citamos dois exemplos: “*grupo étnico* é um conjunto de pessoas que se agrupam por serem da mesma *raça*, logo têm a mesma cultura e religião”; “um *grupo étnico* caracteriza-se por um aglomerado de pessoas que apresentam características semelhantes, quer ao nível do país de origem, quer ao nível das crenças religiosas, *raça*, ideais”.

por último, características ligadas à *relação* com os outros grupos ('alvo de discriminação', 'diferentes da maioria', etc.).

Como podemos constatar, idênticos conteúdos são referidos para definir *grupo étnico* e *raça*, embora no que respeita ao *grupo étnico* predominem as características culturais (89.3% dos participantes) relativamente às características biológicas (28.6%), enquanto que à *raça* estão associadas sobretudo características 'naturais' ligadas à hereditariedade (71.4%) logo seguidas das características culturais (64.3%). As relações de conflito ou submissão face à cultura dominante (42.6%) e o facto de o *grupo étnico* ser visto como migrante (32.1%) são outros dos aspectos associados preferencialmente ao *grupo étnico*.

Assim, a noção de *grupo étnico* remete para grupos humanos de estatuto minoritário enquanto que a *raça* se aplica a um processo de fusão entre características biológicas e culturais. A análise de conteúdo das respostas dos participantes parece indicar uma distinção de significados: enquanto que o termo *grupo étnico* serviria para diferenciar uma minoria emersa numa maioria, o termo *raça* corresponderia a uma naturalização da distintividade dos grupos sociais.

Tabela 1 Frequências relativas (%) das características consideradas definidoras de *grupo étnico* ou de *raça*

	Grupo étnico	Raça	Total
Características culturais	89.3	64.3	76.8
<i>cultura</i>	46.4	25	35.7
<i>religião</i>	21.4	10.7	33.9
<i>costumes</i>	25.0	14.3	19.6
<i>hábitos</i>	10.7	17.9	14.3
<i>valores</i>	17.9	3.6	10.7
<i>crenças</i>	10.7	10.7	10.7
<i>história</i>	3.6	10.7	7.1
<i>características sociais</i>	7.1	3.6	5.4
<i>ideologias</i>	3.6	7.1	5.4
<i>maneira de pensar</i>	3.6	7.1	5.4
<i>tradições</i>	0	10.7	5.4
<i>características psicológicas</i>	0	3.6	3.6
<i>comportamentos</i>	3.6	3.6	3.6
<i>identidade</i>	7.1	0	3.6
<i>linguagem</i>	3.6	3.6	3.6
<i>maneira de agir</i>	0	7.1	3.6
<i>raízes</i>	3.6	3.6	3.6
<i>vivências</i>	0	7.1	3.6
<i>filosofia de vida</i>	3.6	0	1.8
<i>leis</i>	0	3.6	1.8
<i>rituais</i>	7.1	0	1.8
Características biológicas	28.6	71.4	50.0
<i>cor (da pele, cabelo, olhos)</i>	7.1	42.9	25.0
<i>características físicas (altura, etc.)</i>	17.9	28.5	23.2
<i>características genéticas</i>	7.1	17.8	12.5
<i>características intrínsecas</i>	3.6	3.6	3.6
<i>características muito marcadas</i>	3.6	3.6	3.6
<i>fisionomia</i>	0	3.6	1.8
Relação com outros grupos	42.6	3.6	23.2
<i>diferentes da maioria</i>	17.9	0	8.9
<i>alvo de discriminação</i>	3.6	3.6	3.6
<i>diferentes dos outros grupos</i>	7.1	0	3.6
<i>unidos na defesa dos seus valores</i>	7.1	0	3.6
<i>antagonismo com a cultura dominante</i>	3.6	0	1.8
<i>conflito com os outros grupos</i>	3.6	0	1.8
Características geográficas	32.1	7.1	19.6

<i>vivem num país que não é seu</i>	17.9	0	8.9
<i>oriundos de um outro local/região</i>	7.1	7.1	7.1
<i>oriundos de um meio diferente</i>	7.1	0	3.6

Grupos racializados e grupos etnicizados

A segunda questão colocada aos participantes consistia na simples listagem dos *grupos étnicos/ raças* existentes em Portugal. A Tabela 2 apresenta os vários grupos referidos em ambas as condições de resposta e as respectivas frequências relativas de ocorrência. Para cada condição são apresentadas as designações referidas pelos participantes por ordem decrescente de frequência. Foram retidas as designações com frequência igual ou superior a dois.

Como podemos verificar, globalmente os ‘ciganos’ foram o grupo mais referido, tanto na condição *grupo étnico* como na condição *raça* (respectivamente 92.9% e 64.3%, totalizando 78.6%), o que remete para a elevada saliência deste grupo na sociedade portuguesa.

Seguiu-se o grupo dos ‘negros’ (respectivamente 28.6% e 53.6%, totalizando 41.1%) e em terceiro lugar *ex aequo* o grupo dos ‘africanos’ (respectivamente 46.4% e 25% , totalizando 35.7%) e o grupo dos ‘brancos’ (respectivamente 17.6% e 53.6%, totalizando 35.7%).

Globalmente, as referências aos ‘brancos’, aos ‘portugueses’ e aos vários grupos nacionais europeus assim como aos ‘europeus’ em geral, são menos frequentes do que as referências aos ‘negros’, aos vários nacionais africanos e aos ‘africanos’ em geral, especialmente na condição *grupo étnico*, o que se prende com o facto de o processo de etnicização se aplicar essencialmente a minorias que são percebidas como ocupando um lugar desfavorecido na sociedade.

Em termos globais, as denominações mais frequentes são ligadas à ‘nacionalidade’ (87.9% dos participantes). Seguem-se as designações baseadas na ‘cor da pele’ (53.6%) e, com menor expressão, as denominações ligadas à ‘religião’ (25%).

Os grupos referidos pelos participantes são basicamente os mesmos em ambas as condições, variando apenas o seu posicionamento relativo. Na condição *grupo étnico* predominam as designações baseadas na origem nacional ou geográfica (100% dos participantes), seguindo-se as designações baseadas na religião (46.4%) e, por último, na cor da pele (21.4%). Em contrapartida na condição *raça* predominam as designações baseadas na cor da pele (85.7%), seguindo-se as designações baseadas na origem nacional ou geográfica (75%) e, por último, as baseadas na religião (3.6%).

Tabela 2 Frequências relativas (%) dos *grupos étnicos* ou *raças* referidos pelos participantes

	Grupo étnico	Raça	Total
Origem nacional ou geográfica	100	75.7	87.9
<i>Ciganos</i>	92.9	64.3	78.6
<i>Africanos</i>	46.4	25.0	35.7
<i>Cabo-verdianos</i>	35.7	0.0	17.9
<i>Indianos</i>	25.0	10.7	17.9
<i>Angolanos</i>	28.6	0.0	14.3
<i>Chineses</i>	10.7	10.7	10.7
<i>Moçambicanos</i>	21.4	0	10.7
<i>Macaenses</i>	17.9	0	8.9
<i>Timorenses</i>	17.6	0	8.9
<i>Árabes</i>	10.7	3.6	7.1
<i>Europeus</i>	10.7	0	5.4
<i>Latinos</i>	0	10.7	5.4
<i>PALOP</i>	3.6	7.1	5.4
<i>Portugueses</i>	7.1	3.6	5.4
<i>Asiáticos</i>	3.6	3.6	3.6
<i>Orientais</i>	0	7.1	3.6
<i>Índios</i>	0	7.1	3.6
<i>Marroquinos</i>	7.1	0	3.6
<i>Alemães</i>	3.6	0	1.8
<i>Brasileiros</i>	3.6	0	1.8
<i>Espanhóis</i>	3.6	0	1.8
<i>Ibéricos</i>	0	3.6	1.8
<i>Japoneses</i>	3.6	0	1.8
<i>Lusitanos</i>	0	3.6	1.8
<i>Mauberes</i>	3.6	0	1.8
Cor da pele	21.4	85.7	53.6
<i>Negros*</i>	28.6	53.6	41.1
<i>Branços</i>	17.6	53.6	35.7
<i>Amarelos</i>	0	14.3	7.1
<i>Vermelhos</i>	0	7.1	3.6
Religião	46.4	3.6	25.0
<i>Muçulmanos**</i>	28.6	3.6	16.1
<i>Judeus</i>	21.4	0	10.7
<i>Hindus</i>	3.6	0	1.8

Nota: *Agrupámos ‘negros’ e ‘pretos’; **Agrupámos ‘muçulmanos’ e ‘islâmicos’

Auto-categorizações raciais e étnicas

Finalmente, os participantes eram questionados sobre a sua pertença aos *grupos étnicos* ou *raças* anteriormente referidos. Nesta questão verifica-se uma diferença significativa no modo de resposta em função da condição *grupo étnico* ou *raça* ($\chi^2 = 19.636$, $p < 0.001$).

Como se pode constatar na Tabela 3, na condição *grupo étnico* a resposta predominante foi o ‘não’ (67.9%) enquanto que na condição *raça* a resposta dominante foi ‘sim’ (85.7%). Verifica-se aqui uma assimetria nos processos de etnicização e racialização: a etnicidade é conceptualizada como algo específico das minorias enquanto que a noção de *raça* é aplicada também às maiorias.

Tabela 3 Frequências relativas (%) da auto-categorização raciais ou étnicas dos participantes

	Grupo étnico	Raça	Total
Sim	28.6	85.7	57.1
<i>Branços</i>	17.9	64.3	41.1
<i>Portugueses</i>	7.1	7.1	7.1
<i>Europeus</i>	0	7.1	3.6
<i>Ibéricos</i>	0	3.6	1.8
<i>Lusitanos</i>	0	3.6	1.8
<i>Ocidentais</i>	3.6	0	1.8
Não	67.9	10.7	39.3
Não resposta	3.6	3.6	7.1

Discussão

Apesar das campanhas anti-racismo que decorreram durante o *Ano Europeu Contra o Racismo* nos meios de comunicação social, nas escolas e nas associações juvenis, não encontramos quaisquer reacções de surpresa ou de contestação face às nossas questões sobre *raças* em Portugal. A maior parte dos estudantes nunca tinha problematizado as noções de *raça* e de *grupo étnico*, considerando-os como conceitos objectivos e explicativos das assimetrias sociais.

A partir da análise de conteúdo das respostas dos participantes, verifica-se que os estudantes não distinguem *grupo étnico* de *raça*. As características culturais amplamente referidas como definidoras dos *grupos étnicos* são consideradas inseparáveis das características físicas ligadas à hereditariedade. Os *grupos étnicos* são vistos como possuindo características intrínsecas, imutáveis e muito marcadas, que os distinguem da maioria ou da cultura dominante, justificativas do seu estatuto e das assimetrias de poder.

Em ambas as condições, as repostas dos participantes apontam para uma essencialização das categorias sociais (Rothbart e Taylor, 1992). Apesar do conteúdo das respostas dos participantes remeter claramente para a naturalização das *raças* e dos *grupos étnicos*, verifica-se uma certa assimetria de significado destes dois termos: o *grupo étnico* é visto como uma minoria emersa numa maioria, ou seja, como algo ‘transitório’ que resulta das trajectórias de migração dos grupos enquanto que o termo *raça* remete mais claramente para a imutabilidade de uma pertença social.

Da análise de conteúdo das respostas dos participantes ressalta a centralidade da cor da pele na categorização dos grupos sociais. Verifica-se a predominância de traços físicos nas definições de *raça*, mas estes estão também significativamente presentes nas definições de *grupo étnico*. Esta centralidade da cor da pele na categorização dos grupos sociais é especialmente evidente nas designações de grupos fornecidas pelos participantes. Embora predominem designações baseadas na nacionalidade, o que poderá dever-se ao seu carácter normativo, estas são sistematicamente associadas a designações baseadas na cor da pele.

As auto-categorizações dos participantes foram significativamente mais frequentes na condição *raça* do que na condição *grupo étnico*, o que mais uma vez demonstra que a *raça* constitui um elemento central da categorização social. Os resultados deste estudo estão em consonância com os resultados de outros estudos contemporâneos realizados em Portugal sobre esta problemática, embora recorrendo a outro tipo de questões (Vala, Lopes e Brito, 1999). Estes resultados vão também ao encontro dos estudos sobre cognição social, segundo os quais a categorização racial é extremamente saliente, altamente acessível e difícil de suprimir cognitivamente (e.g., Devine, 1989; Fiske e Neuberg, 1990).

A acessibilidade das categorias raciais e o seu valor explicativo da realidade social demonstra que, apesar das tipologias raciais terem sido abolidas da ciência há largas décadas (UNESCO, 1960/1973), continuam a estruturar o pensamento do senso comum. As campanhas de sensibilização da opinião pública para a problemática do racismo, tendo insistido na

ilegitimidade da discriminação a partir da ‘cor da pele’, tiveram como resultado uma maior prudência no discurso relativamente às categorias *raciais* mas não relativamente às categoriais *étnicas*: alguns participantes mencionaram nas suas respostas que as diferenças biológicas não deveriam conduzir à discriminação social, mas o mesmo não aconteceu relativamente às diferenças culturais. Constatamos, assim, que a herança do pensamento racista continua presente, embora se verifique uma metamorfose ao nível da expressão pública da discriminação racial.

Referências

- ALLPORT, G. W. (1954/1979). *The Nature of Prejudice*. Cambridge, MA: Addison-Wesley.
- CABECINHAS, R. (2002). *Racismo e etnicidade em Portugal: Uma análise psicossociológica da homogeneização das minorias*. Dissertação de Doutoramento. Braga: Universidade do Minho.
- CUNHA, M. (2000). A natureza da raça. *Sociedade e Cultura*, 2, 191-203.
- DEVINE, P. (1989). Stereotypes and prejudice: Their automatic and controlled components. *Journal of Personality and Social Psychology*, 56, 5-18.
- FISKE, S. T., e NEUBERG, S. L. (1990). A continuum of impression formation, from category-based to individuating processes: influence of information and motivation on attention and interpretation. In M. Zanna (Ed.) *Advances in Experimental Social Psychology* (Vol. 23, pp. 1-74). San Diego: Academic Press.
- GUILLAUMIN, C. (1992). *Sexe, Race et Pratique du Pouvoir: L'idée de Nature*. Paris: Côté-femmes.
- MOSCOVICI, S. (1984). The phenomenon of social representations. In R. Farr e S. Moscovici (Eds.). *Social Representations* (pp.3-70). Cambridge: Cambridge University Press.
- MOSCOVICI, S. (1998). The history and actuality of social representations. In U. Flick (Ed.). *The Psychology of the social* (pp. 209-247). Cambridge: Cambridge University Press.
- ROTHBART, M., e TAYLOR, M. (1992). Category labels and social reality: Do we view social categories as natural kinds? In G. R. Semin, e K. Fiedler (Eds.). *Language, interaction, and social cognition*. Londres: Sage.
- TAGUIEFF, P.-A. (1997). *Le racisme. Un exposé pour comprendre. Un essai pour réfléchir*. Paris: Flammarion.
- TONKIN, E., McDonald, M., e Chapman, M. (1989). *History and Ethnicity*. Londres: Routledge.
- UNESCO (1960/1973). *Le racisme devant la science*. Paris: Gallimard.
- VALA, J., Lopes, D., e BRITO, R. (1999). A construção social da diferença: Racialização e etnização das minorias. In J. Vala (Org.). *Novos Racismos: Perspectivas comparativas* (pp. 145-167). Oeiras: Celta.